

A CASA TOMBADA

Lugar de Arte, Cultura e Educação

FACONNECT

Existir ou subexistir? Corpo e suas relações

Zenaide da Silva Vasconcellos Souza Galasso

Trabalho realizado sob a orientação da Profa. Dra. Edith Derdyk, em exigência parcial, para a obtenção do certificado de especialista, como concluinte do curso de Pós- Graduação Lato Sensu “Caminhada como método para arte educação”.

RESUMO

O presente artigo tem como pressuposto compreender os movimentos como uma forte ferramenta para expressões fornecidas pelo corpo performático do ser humano. Nesta direção estabelecer ponderações que favoreçam tal entendimento, considerando de precípua importância às relações que se fazem presentes em nosso meio de convívio. O corpo e seus movimentos serão evocados para tal percurso de compreensão, sem a prévia intenção de avaliá-los, mensurá-los ou transformá-los em objeto de quaisquer tipos de manipulação que possa aparecer neste processo de observação. A proposição, a que se refere este artigo, configura-se em uma investigação através de pesquisas de variados autores sobre este suporte que carrega o humano, desde o princípio de sua existência, o corpo que se apresenta multifacetado, através de suas singularidades e das ações que sofre sobre si, constituindo-se personagem histórico que compõem a sociedade por gerações.

Palavras chaves: Corpo. Pesquisa. Relações e Singularidades.

ABSTRATC

The present article has as an assumption to understand the movements as a strong tool for expressions provided by the human body. In this sense, to establish considerations that promote such understanding, considering the relationships that are present in our environment of vital importance. The body and its movements will be evoked for such a path of understanding, without the previous intention of evaluating, measuring or transforming them into the object of any type of manipulation that may appear in this process of observation. The proposition to which this article refers is configured in an investigation through research by various authors on this support that carries the human, since the beginning of its existence, the body that presents itself as multifaceted, through its singularities and actions he provokes on himself, becoming a historical character that has been part of society for generations.

Keywords: Body. Research. Relations and Singularities.

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	3
2. INTRODUÇÃO.....	5
2.1 Atravessamentos e afetamentos.....	5
3. CORPO.....	6
3.1 A dimensão do corpo sob diferentes ângulos e considerações.....	6
3.2 Nietzsche.....	6
3.3 Foucault.....	9
3.4 Definições autorais.....	10
4. CORPO TEXTO.....	13
5. CORPO MOVIMENTO.....	14
6. CORPO VIVIDO.....	15
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
8. IMAGENS.....	20
8.1 Transformações.....	20
8.2 CORPO EXPRESSÃO DE ARTE.....	27
8.2.1 Os gestos vazios - Heather Hansen.....	27
8.2.2 Vestígios da ação de um corpo – Carla Chaim.....	38
9. REFERÊNCIAS.....	45

1. APRESENTAÇÃO

Sou graduada em artes visuais – UFRJ (EBA - Escola de Belas Artes) e pós graduada em Educação Inclusiva – UFRJ. Atuo como professora em uma Sala de Recursos Multifuncionais da Rede pública e convivo com a dificuldade laborativa de meu trabalho, pois este passa significativamente pelas relações interpessoais em que a percepção do sensível se faz necessária como articuladora do fazer diário.

Este fazer diário, o qual faço referência, se estabelece nos atendimentos em sala de recursos multifuncionais. Meus alunos necessitam de um atendimento que contemple suas especificidades, pois são indivíduos que estão acometidos de variados impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas.

Trata-se de um serviço especializado, que articula recursos pedagógicos diferenciados para alunos incluídos no sistema regular de ensino, conforme suas especificidades e necessidades. Transito entre o aluno e o óbice em estabelecer uma conexão que favoreça de forma significativa esta interação entre a mediação pedagógica e as potencialidades que cada aluno oferece.

Acessá-lo neste lugar é desafiador, por vezes, me traz preocupações. Considerando neste momento tais potencialidades, que se apresentam de diversas formas, trazendo consigo suas singularidades, percebo que há necessidade que este processo seja permeado de experiências, que o próprio indivíduo irá construir durante sua caminhada, nas relações que estabelece com o mundo, com tudo que está ligado ao seu cotidiano. Ofertar caminhos diferenciados para que esta experiência seja rica e significativa se faz urgente. Um experimentar como gerador e estimulador das potencialidades que habitam em cada indivíduo.

Busco também na arte uma forma que traga a possibilidade de tocar o sensível de meu alunato. Na tentativa de aproximação percebo alguns sinais sutis. Trata-se das expressões contidas em seus corpos, que me remetem a circuitos de linhas em movimentos no ar através de seus gestos, e linhas que seus rostos me fornecem como vestígios, contendo pequenas informações sobre a vastidão de seu ser. Essas linhas conseguem me remeter a muitos entrelaçamentos, confortos e desconfortos.

Somos atravessados por fronteiras que simbolicamente podem ser representadas por linhas imagéticas ou não.

Considero necessário construir um pensar que parta de observações, que se estrutura contemplando a singularidade de cada indivíduo envolvido no processo. Creio que talvez seja necessário chegar no lugar do sensível, considerando todas as possibilidades advindas do mesmo. O caminho não oferece uma linearidade confortável, isso possibilita infindas oportunidades. Neste caminhar, as especificidades desdobram-se com os movimentos que ocorrem dia a dia. Desta forma, desenhando-se os percursos, as trajetórias, ter a sensibilidade de capturá-los, para que se possa seguir o fluxo e abrir uma fresta que permita entrar e se fazer presente no organismo do processo – é o que me impele em continuar caminhando, buscando entendimentos que possam favorecer esta conexão.

O corpo tem suas próprias linguagens.

O corpo humano permite uma variedade infinita de movimentos, brotam de impulsos interiores e se exteriorizam através do gesto, compondo uma relação íntima com o ritmo, o espaço, o desenho das emoções, dos sentimentos e das intenções... (VIANNA, 1990, p. 88).

Talvez a arte só precise fornecer subsídios, espaços que favoreçam alguns entendimentos ou nenhum entendimento, pois experimentar não está neste contexto ligado a algum resultado favorável ou desfavorável; simplesmente a experimentação pela experimentação, não para avaliar o que ela irá produzir em cada indivíduo, mesmo havendo possibilidades mil que isso ocorra, mas o grande objetivo deste processo é não negar ao indivíduo a oportunidade de experienciar com o seu corpo vivo tais possibilidades que surgirão durante todo o caminho.

2. INTRODUÇÃO

2.1 Atravessamentos e afetamentos

As proposições que ocorreram durante o curso de pós graduação Caminhada Como Método para Arte Educação me atravessaram, fazendo-me pensar sobre o corpo como filtrante destes processos, os quais foram experienciados fornecendo-me a possibilidade de observar e ser observada, experimentar sensações que não conhecia anteriormente.

Durante nossas caminhadas, passamos por variadas proposições, nas quais o corpo se inseria com seus movimentos em espaços diferenciados, como um provocador de sensações e olhares externos de quem passava por ele. Um intrigador, no qual instigava em algumas pessoas a curiosidade de saber de onde éramos e o que estávamos fazendo. Estou aprendendo que se faz necessário um conhecimento que aborde o corpo não somente em seus aspectos físicos, mas na subjetividade que o compõem, considerando seus afetamentos, que estão incorporados em suas construções sociais e que se estabelecem pelas relações entre indivíduos.

Não sou artista que estuda arte. Sou uma educadora que estuda arte, com o propósito de instrumentalizá-la para fins da educação inclusiva, que neste momento me apetece. Procuo trazer as minhas percepções para o meu cotidiano, enquanto profissional da educação, de tal forma, que busco compreender este corpo, a princípio, através de vários ângulos de entendimentos e de conceitos discutidos entre os autores que se fazem presentes em meu artigo, contudo, não tenho a pretensão de considerar que este ciclo se feche nos autores que aqui se presentificam no texto e no contexto corpo. Considerando sua construção histórico/social esse assunto se torna inesgotável.

Esticar as minhas cordas durante toda esta caminhada de dois anos, me fizeram perceber o outro, no ouvir, no divergir e no conciliar. Inicialmente na proposição da escrita do artigo desejei ir para uma direção mais pessoal de minha experiência, construída dentro da pós graduação “Caminhada Como Método Para Arte Educação”, contudo, percebi que não poderia deixar de contemplar a outros, com os quais tenho convivido.

Resolvi, então, tecer junto a autores e seus respectivos olhares que trazem contribuições significativas para se pensar o corpo, e uni-los as possibilidades que as

artes ofertam, pois, há necessidade da existência de um corpo para que o fruir/ usufruir possam ocorrer. Tais autores consideram o corpo de diferentes maneiras, porém, não diminui a importância dada ao mesmo. Como sou corpo constituído de atravessamentos e afetamentos trago em mim toda esta experiência que me foi ofertada no caminhar desta pós, no desejo de dividi-la e multiplicá-la.

Não atribuo este aprendizado advindo somente dos momentos que estivemos juntos mensalmente, mas nas leituras que fazíamos durante este intercurso, na longa viagem de 8h para chegar ao local da pós, do desconforto de não estar entre os meus queridos familiares e amigos, do cansaço pós viagem de retorno – imediatamente para o meu local de trabalho, a fim de cumprir meus compromissos com meus queridos alunos.

Todo este rito de passagem, foi experienciado por um corpo, no qual compartilho minha própria existência. Tento, como ser humano e profissional da educação inclusiva, manter coerência com as questões pelas quais acredito, sem a pretensão de me colocar como dona da verdade, pois falando de subjetividades não existe verdade, existem verdades, pois, somos singulares e múltiplos.

“Caminhar é uma modalidade do pensamento. É um pensamento prático.”

Adriano Labbucci

3. CORPO

3.1 A dimensão do corpo sob diferentes ângulos e considerações

3.2 Nietzsche

“Nem existe ‘espírito’, nem razão, nem consciência, nem alma, nem vontade, nem verdade: são ficções inutilizáveis”

Nietzsche, Primavera 1888.

“E o que dizer do Eu! Ele se tornou uma fábula, uma ficção, um jogo de palavras: ele parou absolutamente de pensar, de sentir e de querer! [...] O que se segue daí? Não há de modo algum nenhuma causa espiritual! Toda a pretensa empiria inventada para isso foi para o inferno!”

Nietzsche, 2000, p. 3.

“Tomar o corpo como ponto de partida e fazer dele o fio condutor, eis o essencial. O corpo é um fenômeno mais rico que autoriza observações mais claras. A crença no corpo é bem melhor estabelecida do que a crença no espírito”

Nietzsche, agosto-setembro 1885.

Nietzsche critica de forma categórica toda compreensão do homem que sustente a existência de uma pretensa alma imortal, ou qualquer noção que aluda a um pretense *substrato subjetivo*, vinculado a um mundo suprassensível. Ele também será um agudo crítico daqueles que julgam que o essencial do humano seria a consciência, a razão, o pensamento.

Nesse aspecto, o filósofo alemão produz uma importante subversão na concepção tradicional do homem. O corpo deve ser, na sua ótica, *o fio condutor* para a compreensão do humano, para interpretar todas as questões, desde as premências vitais do dia-a-dia até as ideias consideradas como as mais elevadas, mais complexas da reflexão filosófica.

As noções de alma, razão, eu, consciência, sujeito, todos os conceitos que sustentam que haveria uma substancialidade *interna* no homem, serão considerados como fantasias, ficções, ídolos, fábulas. Trata-se apenas de conceitos vazios, hipóstases de noções sem conteúdo.

[...] o tornar-se consciente, 'o espírito', é para nós o sintoma de uma relativa imperfeição do organismo, é experimentar, tatear, errar, um esforço em que muita energia nervosa é gasta desnecessariamente – nós negamos que algo possa ser feito perfeitamente enquanto é feito conscientemente (NIETZSCHE, 2007, p. 14).

Para Nietzsche, o homem é corpo e nada além disso, como sustenta em uma conhecida passagem da obra *Assim falou Zaratustra*: “Eu sou todo corpo e nada além disso; e a alma é somente uma palavra para alguma coisa do corpo” (1998, p. 5).

Na ótica nietzschiana, o corpo é um permanente jogo de forças, de instintos em relação; trata-se de uma luta entre afetos, sentimentos, entre impulsos que se encontram num constante embate, numa incessante mudança. O pensamento considerado racional, dito consciente, é apenas um resultado, um fruto desse jogo total de forças corporais inconscientes, não racionais: “é apenas *uma certa relação dos instintos entre si* [...] a atividade do nosso espírito ocorre, em sua maior parte, de maneira inconsciente e não sentida por nós” (2001, p. 333).

Vejamos as palavras do *Journal d'Emma*:

[...] Meu corpo, Minha terra! Como se pode pensar em ti, a coisa mais íntima e mais estrangeira: Meus seios me surpreendem. Parece-me que são belos, mas que fazem sobre mim essas belas formas de carne: Além do mais, o que eu chamo meu corpo é o fruto de uma quantidade de descobertas. Talvez jamais tenha terminado de explorar? Às vezes, um gesto improvisado, um movimento que realizamos para não cair, nos dá a sensação de que tudo é novo para nós... Porque não realizar um Diário do próprio corpo? Ousaria escrever meu corpo? Tudo o que eu sei dele? Não meu corpo, aquele dos

médicos, mas o que eu conheço. Eu não sou nada sem ele. Ele é minha ciência, e, estou segura, o limite de toda ciência; ele, seus assuntos, mal estares, necessidades e impedimentos; suas regularidades e seus transtornos; suas digestões, menstruações e os sujos detalhes úmidos do amor... Oh, Corpo sem glória, algum santo deveria ter amado teu excremento! Interior ainda, é sagrado como algo de mim, e quando digo: mim, ele está ali, compreendido. Logo, se torna diferente ainda em mim, e imperioso. Contudo, é minha criação, minha obra mais importante..., mas que é também mais estranho que o fato de que exista um Dentro e um Fora? (VALÉRY *apud* ISRAEL, 1968, p. 37).

Para o filósofo Nietzsche, o corpo é considerado o fio condutor para a análise de quaisquer questões filosóficas e o erro da filosofia tradicional foi a exclusão do corpo. O corpo deve ser afirmado, pois se apresenta como vivência. É, portanto, necessário reconhecer o corpo, pois é nele e com ele que o ser humano se relaciona, interpreta, cria e vive o mundo.

Nietzsche considera que a filosofia não foi até agora mais do que uma má interpretação do corpo e um mal entendido sobre o corpo. Diz o filósofo: “Por trás dos mais altos juízos de valor, pelos quais até agora a história do pensamento foi guiada, estão escondidos mal entendidos sobre a índole corporal, seja de indivíduos, seja de classe, ou de raças inteiras” (NIETZSCHE, 2001, p. 11).

No entendimento Nietzscheano, é necessário deslocar a tradição filosófica centrada em um eixo racional metafísico, propondo um novo sentido para a experiência do corpo. O filósofo considerava que o conhecimento pretendido pela filosofia tradicional está voltado para o privilégio da razão em detrimento dos sentidos e da subjetividade. A identidade necessita de um corpo, não apenas físico, mas capaz de afetos e significados que garantam a estabilidade emocional. Por isso, o pensador indaga se “até hoje a filosofia de modo geral não terá sido apenas uma interpretação do corpo e uma *má compreensão do corpo*” (Nietzsche, 2001, p. 2).

Segundo Nietzsche nada possui valor em si mesmo, tudo é interpretação. Portanto, a vida, o mundo e o corpo ganham sentido na medida em que avaliamos. Entendendo a existência como carente de sentido prévio e admitindo que não há criação definitiva, cabe ao homem viver, criar e experienciar os acontecimentos para dar sentido a sua existência, ao corpo, ao mundo – no melhor dos casos, o sentido de afirmação.

Contudo, a fim de deixar evidente a riqueza/complexidade do tema, vale, ao lado do pensamento nietzscheano, dedicar espaço dessa discussão a outra vertente de pensamento que em muito contribui para as questões do corpo, a saber, a de Michel Foucault.

3.3 Foucault

Todavia, concebendo as relações de força não mais ao interno do indivíduo, mas entre indivíduos, Foucault delinea um conceito de poder (*Pouvoir*) bastante diverso da ideia de potência-força (*Macht*) nietzscheana. Foucault segue o discurso nietzschiano, mas com um deslocamento semântico e contextual decisivo. Enquanto Nietzsche conduz um raciocínio sobre a força e sobre a potência entendida como princípio agente no corpo e sobre o corpo, Foucault interpreta a força como uma função entre indivíduos social e politicamente ligados. O poder é uma espécie de força 'reativa' que tem uma proveniência e uma origem fora do corpo. Ele não reconhece as forças 'ativas' (BERNI, 2005, p. 200).

Ao considerar o poder como aquilo que atua sobre o corpo, que 'informa' este corpo e constitui historicamente suas formas de subjetividade (que, portanto, não são originárias), o poder nesta ótica é colocado como extrínseco ao corpo. Nisso Foucault não elabora qualquer filosofia vitalista, não busca nenhuma realidade originária do corpo que possa ser descortinada e exista previamente ou independentemente dos discursos e práticas que o investem.

É nesse contexto que ele remete para a dimensão da história as reiteradas formulações de diferentes estruturas de saber e inscreve também na história as variadas práticas de poder que não são analisadas como expressões de potências dos indivíduos, mas buscadas em seus mecanismos de validade, suas facetas e suas regras. Alcançar o corpo exige voltar-se para fora do corpo e analisar tanto as regras do saber quanto as técnicas de poder que desenham o corpo como seus efeitos.

É nesse sentido que se pode dizer que o corpo em Foucault é desmaterializado, não porque ele simplesmente não exista e suma por trás do saber poder que o constitui, pressupondo aí uma construção fisiológica, mas porque o corpo, como trabalhado por Foucault, escapa da condição de objeto e da noção de materialidade da tradição filosófica moderna. O corpo não é coisa a ser apreendida em sua realidade, ele é desmontado de sua condição material para se apresentar numa condição figurada (CUTRO, 2004) que responde aos variados schemas que o produzem como uma ou outra figura.

Corroborando com um pensar múltiplo, nas questões que envolvem o corpo, vale o acréscimo de algumas específicas reflexões, conforme se segue.

3.4 Definições autorais

O corpo: “superfície de inscrição dos acontecimentos (enquanto que a linguagem os marca e as ideias os dissolvem), lugar de dissolução do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia [...] está, portanto, no ponto de articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado de história e a história arruinando o corpo” (MACHADO, 1979, p. 22).

Em outros termos, o corpo é o campo (porque as forças atravessam e constituem a realidade corpórea, não há força sem corpo) de forças múltiplas, convergentes e contraditórias, e o próprio lugar da sedimentação de seus combates.

Ou ainda,

[...] sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito’ (MACHADO, 1979, p. 22).

Ou seja,

[...] Lá onde a alma pretende se unificar, lá onde o Eu inventa para si uma identidade ou uma coerência, o genealogista parte em busca do começo - dos começos inumeráveis (...) A marca da proveniência permite dissociar o Eu e fazer pulular nos lugares e recantos de sua síntese vazia, mil acontecimentos agora perdidos” ((MACHADO, 1979, p. 20).

Este caráter dissociativo do *eu*, com seus *começos inumeráveis*, múltiplos e dissociadores, possibilita a compreensão de uma dinâmica desse *eu* na qual *corpo* e *alma* estão submetidos a processos múltiplos de constituição histórica.

Corpo e alma, portanto, são *interpenetrados de história* e articulados através de diferentes contextos discursivos, os elementos ideias de múltiplos focos de subjetivação, de forma que se torna imprescindível associá-los ao processo de edificação da própria identidade histórica do indivíduo.

Dentro deste universo, no qual poder e saber estão intimamente ligados, o que se frisa, portanto, é que "não há constituição de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua, ao mesmo tempo, relações de poder" (FOUCAULT, 1975/1996, pp. 29-30).

Foucault busca construir a genealogia de uma série de conceitos, construídos ao redor do corpo e a ele acessados, através dos posicionamentos discursivos historicamente constituídos. Em outras palavras, busca dissecar o alcance de tais

discursos sobre os corpos dos indivíduos, tomados enquanto mecanismos gerais de dominação, de controle, submissão, docilidade, utilidade e normalização de condutas, dispersos anonimamente em toda a rede social, almejando acentuar, assim, o vínculo existente entre o binômio corpo/alma e a díade saber/poder.

Com tal enfoque, Foucault "destrona" a alma de sua compleição metafísica ou divina, ou como entidade abstrata e parte da natureza histórica do homem. A alma é elemento focal diretamente produzido junto ao exercício de saber/poder sobre o corpo. O corpo é "superfície de inscrição para o poder, com a semiologia por instrumento; a submissão dos corpos pelo controle das ideias" (FOUCAULT, 1975/1996, p. 93).

Portanto, não se trata de conceber, conforme certas correntes da metafísica clássica, uma alma dissociada do corpo em um processo dualista de relação, mas sim, uma noção de alma criada diretamente sobre o corpo, em função dos interesses políticos sobre ele concentrados. Em síntese, Foucault considera "a alma, efeito e instrumento de uma anatomia política: *a alma, prisão do corpo*" (p. 30, grifos nossos).

Dessa maneira, ao inverter a clássica proposição platônica quanto ao binômio corpo/alma (lembremos, para Platão, *o corpo é a prisão da alma*), Foucault desnuda o elemento anímico de seu suposto caráter mitificador ou transcendental, pois faz da alma o foco de atuação do poder/saber sobre o corpo – a alma do delinquente, do louco, do aprisionado, do sexualizado, por exemplo –, enquanto elemento discursivo-semiótico para o acesso e o exercício dessas forças sobre ele.

Neste contexto, para Foucault (1975/1996, p. 31), a alma moderna é "o correlativo atual de uma certa tecnologia do poder sobre o corpo".

Vale a pena retomar e citar essa bela passagem, onde Foucault descreve o *estatuto da alma moderna*:

Não se deveria dizer que a alma é uma ilusão, ou um efeito ideológico, mas afirmar que ela existe, que tem uma realidade, que é produzida permanentemente, em torno, na superfície, no interior do corpo pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos – de uma maneira geral sobre os que são vigiados, treinados e corrigidos, sobre os loucos, as crianças, os escolares, os colonizados, sobre os que são fixados a um aparelho de produção e controlados durante toda a existência. Realidade histórica dessa alma, que, diferentemente da alma representada pela teologia cristã, não nasce faltosa e merecedora de castigo, mas nasce antes de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação. Esta alma real e incorpórea não é absolutamente substância; é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder. Sobre essa realidade-referência, vários conceitos foram construídos e campos de análise

foram demarcados: psique, subjetividade, personalidade, consciência, etc.; sobre ela técnicas e discursos científicos foram edificados; a partir dela, valorizaram-se as reivindicações morais do humanismo. Mas não devemos nos enganar: a alma, ilusão dos teólogos, não foi substituída por um homem real, objeto de saber, de reflexão filosófica ou de intervenção técnica. O homem de que nos falam e que nos convidam a liberar já é em si mesmo o efeito de uma sujeição bem mais profunda que ele. Uma alma o habita e o leva à existência, que é ela mesma uma peça no domínio exercido pelo poder sobre o corpo. A alma, efeito e instrumento de uma anatomia política; a alma, prisão do corpo (FOUCAULT, 2007, pp. 31-32).

Em síntese, realidade da alma como uma produção sócio-histórico-cultural, através do desenvolvimento de uma série de discursos e saberes, que só têm significado materializados no corpo, em instituições e em práticas sociais.

De acordo com Crespo (1990), o corpo é um dos temas mais discutidos no mundo contemporâneo, sendo objeto de estudos cada vez mais frequentes no domínio das ciências humanas e sociais. A emergência das reflexões sobre corpo processa-se num quadro de profundas mudanças na civilização, costumes, valores, categorias de análise. Em qualquer caso, julga-se que nas novas maneiras de pensar, sentir e agir o corpo é indicador de mudanças.

Em busca de tal entendimento, pode-se acrescentar a afirmação de Samarão (2006), que avalia a contribuição de Merleau-Ponty (1971), enfatizando que o autor, “em seu estudo sobre a percepção, já ressaltava que o corpo é uma forma de expressão, pleno de intencionalidade e poder de significação” (SAMARÃO, 2006, p. 1).

Entretanto, de acordo com a autora, quando escreve que, para Foucault (1989): “[...] o corpo é sujeito à docilização”. Diferentemente de Merleau-Ponty (1971), Foucault (1989) trata o corpo como um elemento a ser disciplinado e docilizado. Sua postura, sua utilidade e sua funcionalidade são submetidas à disciplina, tornando o corpo, um corpo dócil (Apud SAMARÃO, 2006, p. 1). A autora explica que “para Foucault (1989, p. 125) é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transmitido e aperfeiçoado” (IBIDEM).

Gonçalves (1994) concorda que as concepções que o homem desenvolve a respeito de corporeidade estão ligadas a condicionamentos sociais, que imprimem suas marcas no indivíduo, ditando normas e fixando ideais nas dimensões intelectuais, afetivas, morais e físicas.

As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que o leva a

propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente num fluxo inestancável de transformações e mudanças (KATZ e GREINER, 2001, p. 71).

4. CORPO TEXTO

Em Campello (1997), especialmente, o corpo é entendido como texto, de acordo com Lotman (1978), o corpo é texto, pois o autor afirma que qualquer conjunto de signos, organizado de forma a passar uma mensagem, pode ser chamado de texto. Este corpo, texto, é preñado de sentidos, signos, capaz de poesia, que, ainda segundo Lotman (1978), é linguagem com complexidade.

Entender o corpo como mídia passa por uma opção metodológica. Campello, em cujo prefácio de Norval Baitello Júnior nos alerta para o fato de que “Harry Pross, em seu primeiro livro de 1972, *Medienforschung* (investigação da Mídia) classifica o corpo como a primeira mídia do homem, como “mídia primária”, aquela que funde em uma (única) pessoa conhecimentos especiais” (apud CAMPELLO, 1997, p. 10).

O nosso corpo, segundo Campello (1997), é entendido como um texto de cultura, produzido em nossos corpos no vivenciar/aprender do cotidiano. Sobre a presença do cotidiano, justifica-se pelo fato de que estas vivências/aprendizados marcam os nossos corpos em nosso dia a dia, deixando significados que serão incorporados em nossas atitudes cotidianas e que se transformarão em textos e subtextos da cultura, capazes de produzir significados múltiplos.

Comunicar é uma das formas pelas quais o ser humano situa-se no mundo, uma maneira de o corpo traduzir o que está sentindo. Mesmo sem que se diga uma palavra, uma interjeição, nem mesmo um murmúrio, ele vai cometendo as maiores indiscrições. Nossas expressões, nossos gestos, nossas posturas expressam por nós e sobre nós, denunciando nossos humores, amores e preconceitos. Do mesmo jeito que nosso corpo pode confirmar nossas palavras, ele pode também desmentir, numa espécie de ruído denunciador.

5. CORPO MOVIMENTO

O movimento é a linguagem do corpo, e como outras linguagens, a linguagem do corpo possui seus códigos, e é passível de ser interpretada, de produzir mensagens e de se transformar em comunicação complexa, por meio da arte. Os movimentos são fluidos, abruptos, contidos. Laban (1990) foi um dos primeiros a prestar atenção a isto.

Não é natural dos corpos que permaneçam estáticos. E o modo de se movimentar, os gestos, as expressões, também se configura como linguagem, linguagem esta que é determinada, moldada, construída pela cultura, e que difere, portanto, de povo para povo, de indivíduo para indivíduo.

O interesse pela expressão da corporeidade pode apontar para o diálogo com a própria vida, diretamente envolvida com os processos de transformação do conhecimento, associada à importância na experimentação do corpo como um movimento humano consciente. O desafio maior está em ver a transformação do corpo a partir de como experimentamos o conhecimento. Cabe a este conhecimento definir, organizar, criticar, mas, sobretudo auxiliar no alcance da qualidade de vida.

Estudar o corpo é ter como proposta a ampliação do campo de conhecimento em busca de um ser pensante, com direito a opinar e modificar as situações mediante suas necessidades e vivências socioculturais, através das transformações do dia a dia.

Para Gonçalves (1994), a corporeidade do homem é marcada culturalmente. Trata-se de um corpo social e culturalmente condicionado. Este condicionamento dita normas e ideais nas várias dimensões humanas: física, moral, intelectual e afetiva. De acordo com o autor, cada indivíduo de um determinado grupo cultural tende a revelar para além da singularidade que o caracterizam como indivíduo, expressões que diferenciam esse grupo como unidade.

Cada corpo traz em si, como se fossem cicatrizes, além da sua própria, a narrativa social, com todos os ritos, mitos e valores que a especificam. Com todas as leis que inibem o corpo. Com todas as sanções que ele teme. Com todos os fetiches de que ele pode ser vítima.

6. CORPO VIVIDO

O corpo vivido sob o olhar fenomenológico (olhar sobre os acontecimentos que atingem este corpo - fenômenos) é concebido como o elemento de interação do EU com o mundo. O corpo como linguagem, ou seja, como expressão de si mesmo e como comunicação com o mundo, é instrumento de sentido, constituindo-se um universo de significados. A experiência do corpo no mundo está ligada à sua história, às suas representações socioculturais e ao espaço ou ao ambiente em que ele está inserido (ROVALETTI, 1998).

O corpo é o lugar dos encontros objetivos e subjetivos essencialmente vinculados ao ambiente em que ele habita e não um objeto a mais entre o resto dos objetos, mas um sujeito que transcende a si mesmo, rumo ao mundo, e em torno do qual os objetos que fazem parte dele se organizam segundo sua significação. O corpo vivido é um fenômeno biológico e ao mesmo tempo subjetivo, e sua primeira qualidade é estar presente no mundo, isto é, ter um lugar no mundo e nele interagir.

[...] Não tenho um corpo, mas sim, eu sou corpo; corpo que percebe e é simultaneamente percebido. [...] é a partir do corpo próprio, do corpo vivido, que posso estar no mundo em relação com os outros e com as coisas. O corpo é a nossa ancoragem no mundo. [...] é nosso meio geral de ter o mundo (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 35).

Dessa maneira, Polak (1997), concordando com as ideias de Merleau-Ponty, concebe o corpo como algo que percebe e é simultaneamente percebido no mundo, devendo ser compreendido não apenas como objeto carnal. Esse conceito de “corpo vivente” ou “corpo vivido” seria uma forma de estar no mundo em relação com os outros corpos e com as outras coisas.

Leder (1984) também corrobora com o pensamento de Merleau-Ponty e conceitua o “corpo vivido” como a existência desse corpo e sua relação com o mundo, destacando a intencionalidade dirigida a este último, a partir da experiência. O “corpo vivido”, então, constitui nosso “estar no mundo”, e é pela nossa capacidade de sentir e de nos mover que teríamos um primeiro contato com o mesmo.

O corpo vivido segundo o olhar comportamental acredita que a criança tem grande necessidade de movimentação. De acordo com Piaget (1976), nesse período, o infante, através do movimento corporal, vai enriquecendo a experiência subjetiva de seu corpo e vai ampliando a experiência motora e cognitiva. Portanto, é

extremamente importante que a criança passe pela fase de vivência corporal. Por essa vivência corporal, ela corre, brinca, trabalha e conhece seu corpo. A criança precisa ter suas próprias experiências e não ser sempre guiada pelos adultos, pois é pela sua prática pessoal, pela sua exploração que se ajusta, domina, descobre e compreende o meio em que vive.

É por meio de ambientes que permitam essa vivência corporal que o corpo passivo da criança se torna corpo ativo, corpo vivido e, assim, vai aos poucos constituindo-se como sujeito cultural, apropriando-se do conhecimento histórico-social acumulado, ao mesmo tempo em que constrói seus instrumentos de pensamento e de ação no mundo (LEVIN, 1995; 1997). Não é possível pensar em corpo vivido, principalmente em corpo infantil, sem discorrer sobre suas subjetividades e suas experiências, sobre seus movimentos e o modo como o mesmo se comporta no mundo.

Criar um ambiente que favoreça as experiências individuais e coletivas na construção do autoconhecimento, considerando a importância da elevação da auto estima e autonomia, mediar interações que possibilite esta dinâmica e colocar o outro em seu lugar de pertencimento.

Vivenciei este acontecimento em uma das unidades escolares na qual trabalho. Promovi um projeto de interações, e utilizei a reciclagem de papéis que eram descartados na escola com a proposição de reutilização em oficinas, para criação de objetos que seriam posteriormente utilizados em peças teatrais, construídos a partir de papel machê.

Os meus alunos da Sala de Recursos Multifuncionais participaram de todo o processo desde do pedido oficial a direção da escola para a catação dos papéis a serem reutilizados, passando pela aquisição histórico/conceitual do processo que envolvia, conhecer o surgimento da técnica, e o como fazer, e as necessidades ambientais em tempos atuais do reaproveitamento de matérias que seriam descartados.

A dinâmica do projeto se desdobrou em ações tais como: Os alunos eram divididos em grupos que percorriam toda a escola conscientizando os demais a respeito da responsabilidade que temos sobre tudo que descartamos. Anunciando o acontecimento oficina, trazendo informações sobre a origem da técnica que seria utilizada e a importância do reaproveitamento dos materiais na construção de um novo sentido para o mesmos, a fim de contribuir para a realização das peças teatrais

e ao mesmo tempo preservar o meio ambiente. Após a valoração de conceitos, faziam o convite para as oficinas que iriam acontecer posteriormente.

Fiquei encantada com os acontecimentos que se seguiram, pude notar claramente o empoderamento sendo refletido em seus corpos, movimentando-se com firmeza pelos corredores, adentrando as salas daquela unidade escolar. Não me esquecerei de uma das frases que uma aluna do nono ano de escolaridade pronunciou “ Eles se apresentaram como alunos da Sala de Recursos. Esta sala não é aquela destinada aos alunos que possuem dificuldades em aprender? Estou observando que seus alunos estão seguros ao se relacionar com a turma, que nem parecem ter problemas.”

As oficinas que aconteceram posteriormente foram realizadas com a participação dos grupos de alunos da Sala de Recursos Multifuncionais que por terem aprendido anteriormente a técnica do papel machê ensinavam aos grupos de alunos que encontravam-se presentes nas oficinas. Foram momentos graciosos de interação, em que muitos alunos do ensino comum, perguntavam aos alunos da Sala de Recursos Multifuncionais, o que eles precisavam fazer para conseguir frequentar o mesmo espaço. Acredito em uma inclusão para todos, não só aqueles que possuem impedimentos pontuais que dificulte seu aprendizado, como também, todos os outros que estão inseridos nesta dinâmica relacional com o outro em todos os ambientes socialmente constituídos.

A linguagem corporal, constitui-se na ativação de todos os sentidos de quem executa e de quem observa. Por isso, pode ser mais persuasiva que a palavra e devemos dar a ela maior importância, pois ela é carregada de significados e é sempre a expressão do ser por inteiro. Porém, não é o que temos visto nas instituições escolares. Nelas, na verdade, o corpo é utilizado como objeto de disciplinarização, conforme afirma Soares (2001, p. 14), “governar o corpo é condição para governar a sociedade”. As manifestações do corpo são regulamentadas pela vontade suprema da sociedade em vigor. O corpo tornou-se alvo de cuidados e os processos educacionais se voltaram para civilizá-lo, para padronizá-lo e até para robotizá-lo.

Como exemplo, temos a pesquisa feita por Silva (2011) em uma escola da rede pública. Em suas observações detectou-se que o corpo não está presente na escola e, quando está, só é lembrado no momento de disciplina, de normalização, de padronização: “(A professora) fez uma oração na qual pediu que Deus trancasse as

matracas das crianças [...] a professora pedia silêncio e que não arrastassem (as crianças) a carteira, dizia que a barriga deveria estar encostada em suas mesinhas e o bumbum para trás” (SILVA, 2011, p. 33). Fica claro que, na verdade, o corpo está aprisionado em um processo chamado Educação.

Considerarmos erroneamente que corpo e mente são dissociados, valorizamos somente aspectos relacionados ao cognitivo. Hoje o corpo passou a ser moldado, e não educado. Posto, dentro de nossas instituições escolares, apenas para responder àquilo que a sociedade necessita, sem reflexão e sem criticidade e, portanto, sem conhecimento.

Desconsiderar o corpo na escola é desconsiderar a aquisição de conhecimento global como um todo, já que, para Gaya (2006, p. 7), “o conhecimento é uma ação. Ação que parte do sujeito que conhece em relação ao real. Experiência. Ação do e sobre o corpo. Não há conhecimento sem o corpo”. Desta maneira, não podemos conceber que apenas parte deste corpo (no caso, só o cérebro) esteja presente dentro da sala de aula, pois a aprendizagem perpassa por todo o corpo.

Tal reflexão nos leva a questionar: Como temos experienciado nosso corpo hoje? Estamos nos afastando do nosso eixo emocional e nos dobrando ao desejo da sociedade? Não devemos negar o nosso corpo como fonte de conhecimento e autossuperação. É fundamental utilizar nossos sentidos para sentir a vida; enxergar o ser humano em sua totalidade; pensar o sujeito construindo história e cultura.

Moreira e Simões (2006) defendem a busca da subjetividade do indivíduo através da corporeidade. Acreditam também que é possível nos educarmos permanentemente por meio da corporeidade. Segundo os autores citados acima (2006, p. 74): “[...] corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, por meio de atos ousados ou de recuos necessários sem achar que um nega o outro. É cativar e ser cativado por outros, numa relação dialógica”.

Pela corporeidade podemos preservar a concreticidade da vida, fazendo história e cultura, sendo, simultaneamente, transformados por elas. Educar, por conseguinte, provoca reflexão e não robotização.

Pereira e Bonfim (2007) apresentam a necessidade do educador se comprometer e se envolver tanto expressivamente como emocionalmente. Esta necessidade somente pode acontecer se o educador vivenciar práticas que sensibilize o seu corpo, que o faça perceber-se vivo dentro da sua prática educativa. E isto não é apenas dançar de vez em quando, dar um salto ou um requebrado no

recreio com as crianças; é, sobretudo, (re) conhecer e buscar que seus alunos conheçam seus limites, desejos, emoções e sensações, pois o corpo pode aproximar ou afastar nossos infantes do processo de ensino aprendizagem.

Seguindo tal pressuposto, Freire afirma:

A prática educativa é algo muito sério. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos. Participamos da sua formação. Ajudamo-los ou os prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimentos. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos também com seriedade e testemunho de luta contra as injustiças contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 1996, p. 47).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Brecht, Bertolt.

Pensar no corpo também é pensar em um fazer cotidiano que leve em consideração uma mudança de paradigma de uma educação que engessa, emoldura, captura, provocando a morte do corpo, pois cerceia seus instintos domesticando-os, sequestrando-os e os colocando em espaços de confinamento transformando sujeitos potentes em meros serviçais de seu tempo, ou dotando-lhes de uma fúria desmedida, pois os mesmos, não conseguem entender a ordem castradora a qual são submetidos, tornando momentos, que deveriam ser promissores no alto conhecimento, em uma experiência significativa pela experimentação – momento precioso de se olharem e se perceberem enquanto sujeitos – em horas a cumprir, para que, ao final deste processo no qual foram submetidos, sejam agraciados com as mensurações que o sistema oferece.

Nos faz pensar que, como sociedade, repetimos e estimamos as mesmas ações por um tempo histórico generoso, e ainda temos que considerar o requinte de crueldade que se aperfeiçoa a cada período, no qual acreditamos que estamos avançando. Mas, para onde? A que preço? Como perceber o outro, se ainda não conseguimos nos encontrar diante de tantos desencontros?

Pensemos como seria estar em um ambiente que funcionasse valorando a experimentação, que não tivesse como objetivo quantificar, rotular, mensurar, que possibilitasse ao indivíduo a experiência pela experiência, que olhasse o aluno não como um corpo que deve estar preparado para responder prontamente o que a sociedade espera dele, sem levar em conta suas subjetividades.

Considero que a arte pode vir a ser este portal, que estabeleça uma conexão entre o corpo e o sensível que habita em cada um de nós. Há potência no caminho do sensível, ele constitui-se a porção humana que nos diferencia dos demais seres vivos que habitam nosso planeta, cujas possibilidades transcendem o nosso entendimento, pois cada um de nós é possuidor de uma singularidade, que nos permite inúmeras experimentação.

Se não posso ofertar a possibilidade do meu aluno experimentar o seu corpo em sua totalidade, para que se extraia do mesmo as sensações, por conta de alguma debilidade física ou psíquica, não posso deixar de fazê-lo ofertando outras maneiras de sentir o externo e experimentar o seu corpo e dentro de seu percurso achar um caminho para fazê-lo.

8. IMAGENS

8.1 Transformações

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir “.

Michel Foucault

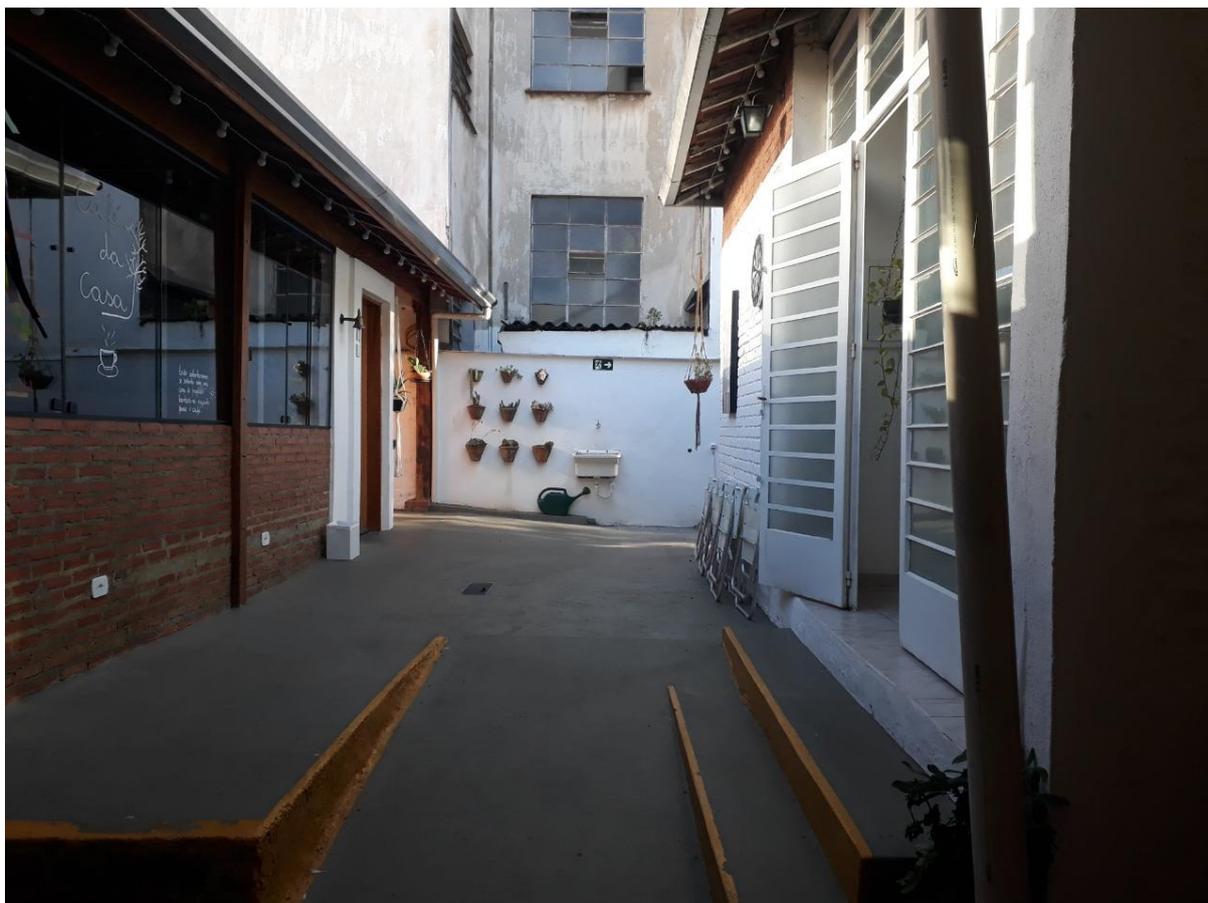


Legenda: Alunos do curso de pós graduação – Caminhada como método para arte educação, IMERSÃO EM BOIÇUCANGA – SP.

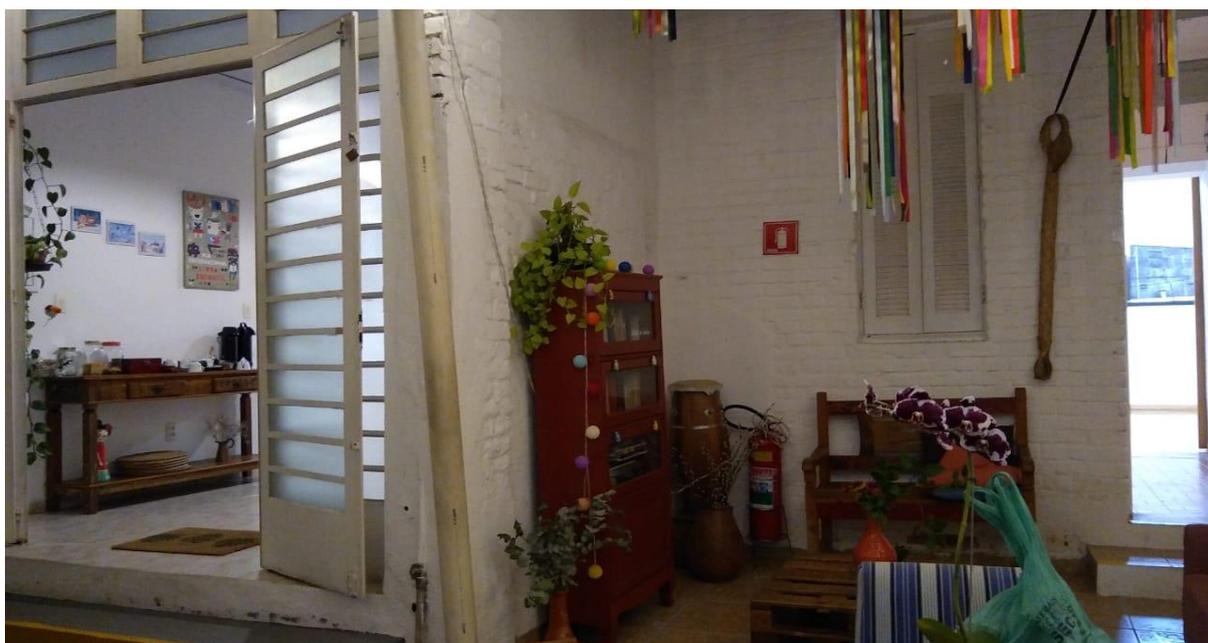
Neste lugar, caminhamos, observamos, coletamos fragmentos da natureza, desenhamos pintamos conceituamos e partilhamos nossos olhares. Trocamos risos e inquietações.



A CASA TOMBADA - BARRA FUNDA / SP



A CASA TOMBADA - BARRA FUNDA / SP



A CASA TOMBADA - BARRA FUNDA / SP

Lugar que nos convida a experienciar novos caminhos para se pensar arte, que uni conceitos às práticas do caminhar, constrói pontes para lugares jamais imaginados anteriormente



IMERSÃO NA SERRINHA - SP

Caminhar observando suas singularidades, com o propósito de posterior produção em ateliê local.



ELEVADO PRESIDENTE JOÃO GOULART (MINHOÇÃO) BARRA FUNDA - SP



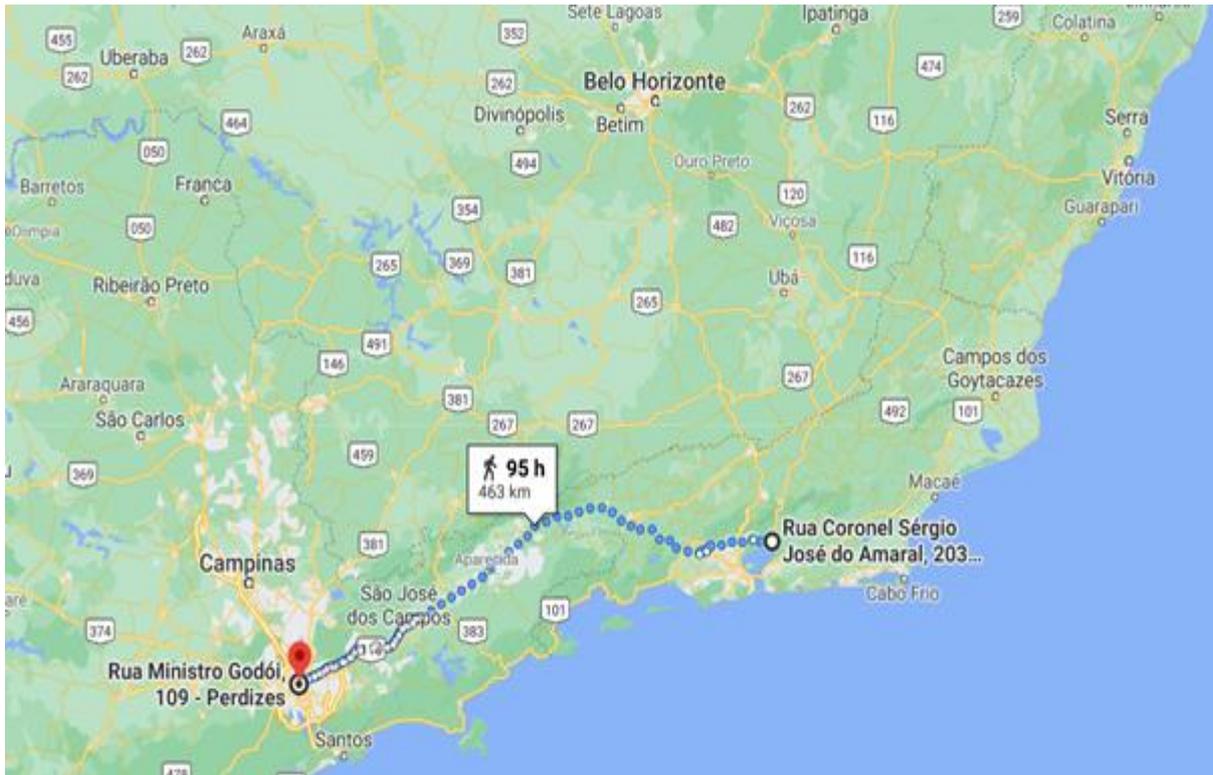
ELEVADO PRESIDENTE JOÃO GOULART (MINHOÇÃO) BARRA FUNDA - SP

Espaço urbano de caminhada e observação- Caminhadas realizadas dentro do curso de Pós Graduação – CAMINHADA COMO MÉTODO PARA ARTE E EDUCAÇÃO.



ELEVADO PRESIDENTE JOÃO GOULART (MINHOÇÃO) BARRA FUNDA – SP

Ocupação de um espaço urbano que em dias úteis , não oferta a mesma possibilidade de caminhar e observar.



**PERCURSO DE MINHA RESIDÊNCIA À PÓS GRADUAÇÃO EM SÃO PAULO
CASA TOMBADA**

***EXPECTATIVAS – NOVO APRENDIZADO – CANSAÇÃO DA VIAGEM –
PRÁTICAS DESAFIADORAS- CAMINHOS E CAMINHADAS...***

“Aquele que quer aprender a voar um dia precisa primeiro aprender a ficar de pé, caminhar, correr, escalar e dançar; ninguém consegue voar só aprendendo vôo.”

Friedrich Nietzsche

8.2 Corpo expressão da arte - Experimentar arte através do corpo com liberdade em seus movimentos. Liberdade para se libertar.

8.2.1 Os “gestos vazios” de Heather Hansen combinam desenho com desempenho



BIO

Nascimento: 8 de março de 1970 Burley, ID.

Residência atual: Los Angeles, CA.

Educação: 1994 BA Theatre Design, TESC, Olympia, 1994-2000 Dança Butoh, estúdio de Kazuo Ohno, Yokohama, Japão.



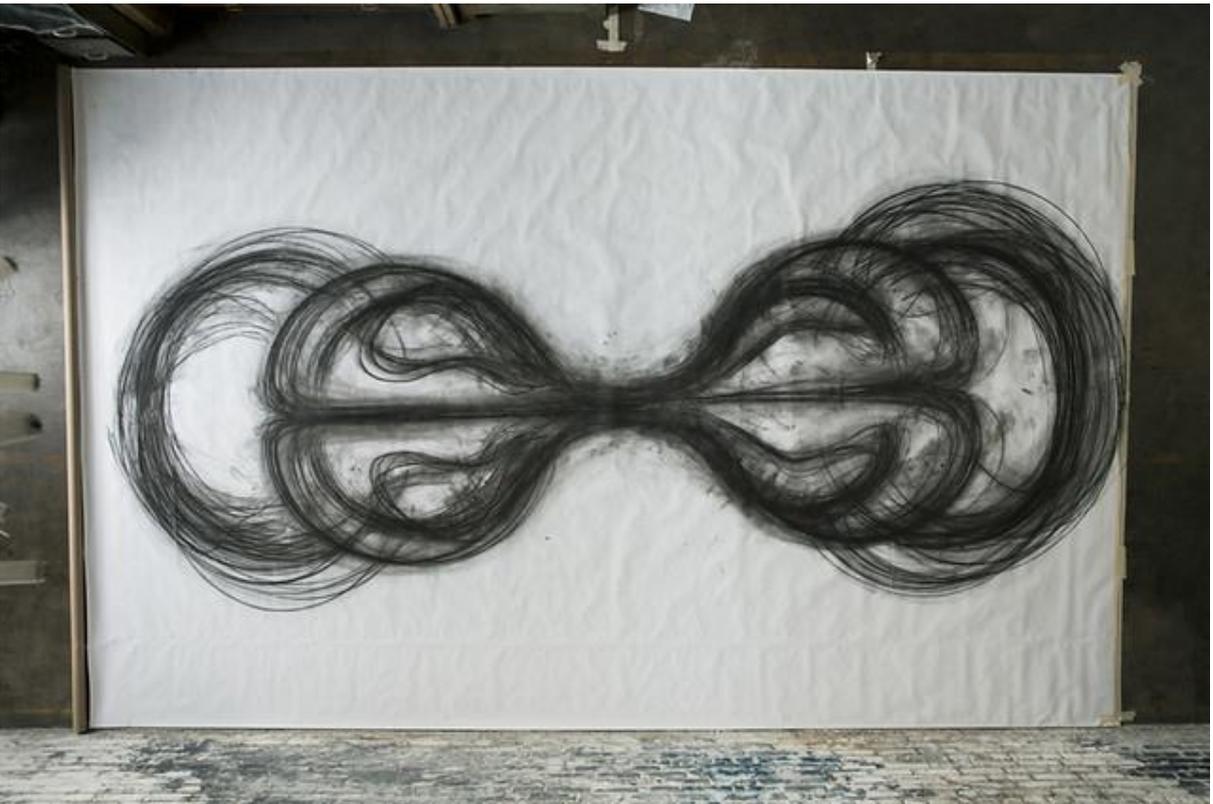
Heather Hansen, uma artista visual sediada em Nova Orleans, mescla performance e imagens bidimensionais usando seu próprio corpo como ferramenta para criar impressões no papel. Em vez de usar pincéis, o que facilitaria o ato de desenhar e pintar, Hansen fica suja enquanto manipula o carvão e os pastéis com seu próprio corpo.

A peça multifacetada, *Emptied Gestures*, é documentada, passo a passo, pelo fotógrafo Bryan Tarnowski, que captura os movimentos de dança de Hansen e partes do corpo escuras, deixando suas impressões em um pedaço de papel aterrado. Esvaziando literalmente seus gestos, deixando suas plantas no papel, Hansen procura desenvolver ainda mais a técnica de pintura de ação proliferada no século XX; ela procura maneiras de "baixar" diretamente seus movimentos no papel de maneira orgânica, sem usar nada além de si mesma para alcançar o resultado desejado.









Heather Hansen cria suas obras com seu próprio corpo

A artista de New Orleans, Heather Hansen, usa seu próprio corpo para criar suas magníficas obras. Em uma espécie de dança, ela se movimenta em uma grande tela e usa carvão para criar, aos poucos, um desenho. De acordo com ela, o objetivo é alinhar a batida de seu coração com a batida do universo. O desenho vai ganhando vida e se torna em algo realmente surpreendente. Abaixo, pode-se conferir uma sequência de fotos que retrata o trabalho da artista.











8.2.2 Vestígio da ação de um corpo – Carla Chaim

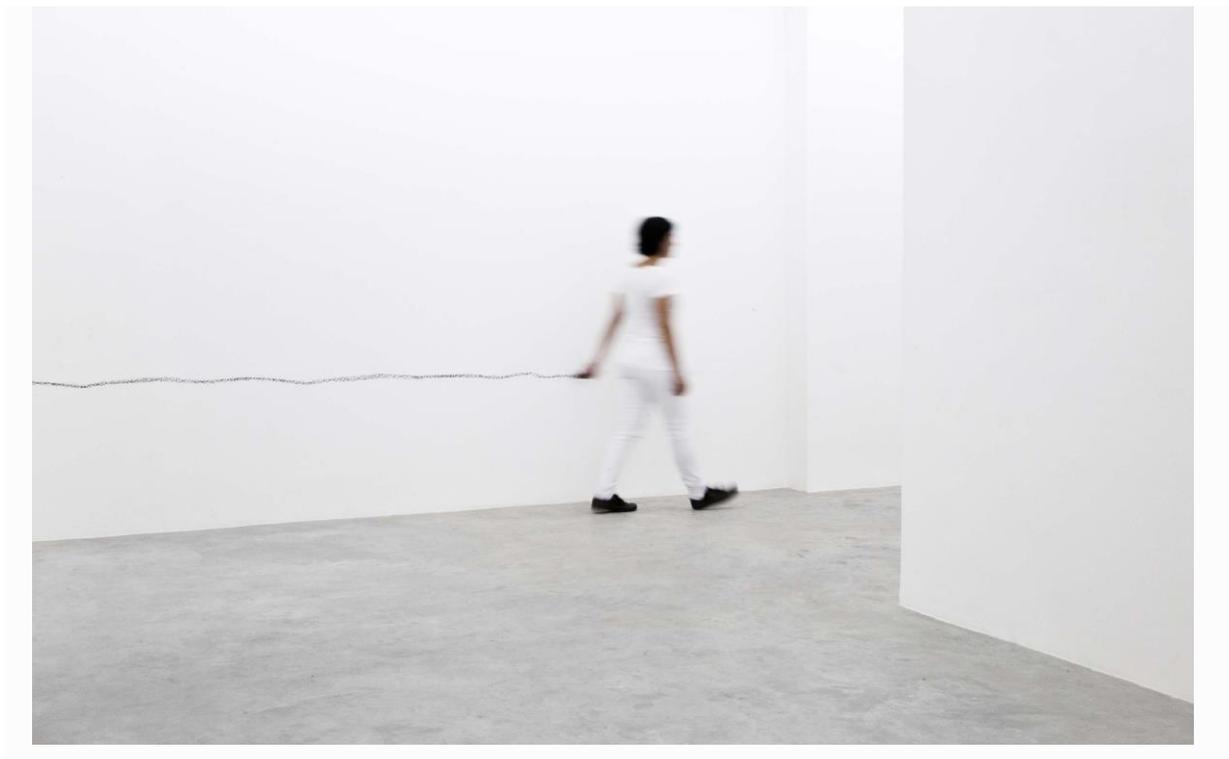


Biografia

Bacharelou-se em Artes Plásticas, 2004, pela FAAP – Fundação Armando Álvares Penteado, onde também realizou Pós-graduação em História da Arte, 2007. Chaim, trabalha com diferentes mídias como desenhos, vídeos e instalações. Através de experimentos com processos rígidos e resultados aleatórios, seduz o espectador para um mundo de equilíbrio em curso, um território nunca pronto.

Chaim tenta se aproximar de uma ampla escala de assuntos cotidianos, trazendo-os para seu atelier e repensando novas formas e novas relações. Os trabalhos se formam no campo da experiência, apresentando ligações coincidentes, acidentais e inesperadas. A artista tem o desejo de controlar seus trabalhos, tanto em regras pré-estabelecidas na execução, quanto de seus movimentos físicos durante a feitura de um desenho, trazendo o corpo como importante instrumento neste processo.

Carla Chaim ganhou diversos prêmios como Prêmio Funarte de Arte Contemporânea e Prêmio Energias na Arte, no Instituto Tomie Ohtake, entre outros.



Carla Chaim – óleo fita carbono

Mais do que um suporte para o desenvolvimento de uma ideia, ou um esboço inicial de um trabalho a ser criado, o desenho na obra de Carla Chaim aparece essencialmente como um vestígio da ação de um corpo em um determinado suporte, um rastro de sua presença ou mesmo o remanescente sinal de um gesto. A artista usa o próprio corpo como uma ferramenta de trabalho, pensando-o também como um lugar de discussão conceitual, explorando seus limites físicos e sociais.

“Uso o espaço e o movimento do corpo para imprimir um desenho, que é o próprio movimento em si”, ressalta Carla Chaim, que diz que os trabalhos não tentam criar narrativas ou contar histórias, eles são o próprio fazer. “O mais importante é o processo, os trabalhos não são pensados para ter uma forma final, isso vai depender do processo de execução”.

Correspondências. Sua obra faz parte de coleções como Ella Fontanals-Cisneros e Ministério das Relações Exteriores, Itamaraty.

Para maiores informações sobre sua obra acesse o site: www.carlachaim.com
caminho isotrópico de sinceridade crua, 2010, vídeo-projeção, cor e som, edição 5, riscos e fugas, projeto trajetórias, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil.



Composta por diferentes suportes como desenho, fotografia e escultura, as obras recentes de **Carla Chaim**, na mostra ***Pesar o Peso***, ocupam o térreo da galeria.

Em todas essas mídias, a artista estabelece um diálogo entre o corpo e formas básicas geométricas. As obras evidenciam a dicotomia existente entre o corpo, orgânico em movimento e as formas duras e estáticas dos desenhos e de peças que parecem ora flutuar, ora pesar no espaço.



Carla Chaim

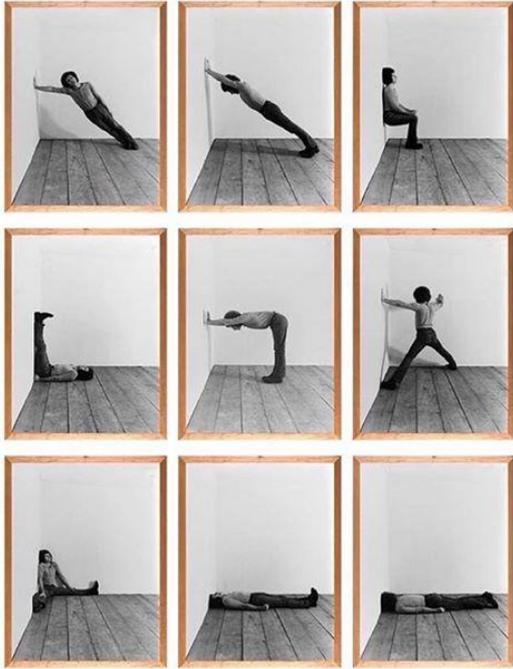
Sem título 2014





Legenda: Colapso de onda, pó de grafite sobre parede e chão, exposta no Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, em 2015.





9. REFERÊNCIAS

- CAMPBELL, J. *Mito e Corpo*. São Paulo: Summus, 2001.
- COMIN, F. S.; AMORIM, S. A. Corporeidade: uma Revisão Crítica Sobre a Literatura Científica. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 1, p. 189-214, jun. 2008.
- COUTO, E. Além do homem, além da máquina. *Revista Atrator Estranho*, São Paulo: ECA/USP, nº 29, 1997.
- CRESPO, Jorge. *A História do Corpo*. Lisboa - Portugal: DIFEL, 1990. p. 7-12.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GARCIA, P. B. Paradigmas em crise e a Educação. In: BRANDÃO, Z (Org.). *A crise dos paradigmas e a Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- GAIARSA, José Angelo. *O que é corpo?* 4 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- GAYA, A. A reinvenção do corpo: por uma pedagogia da complexidade. *Revista Sociologias*, Porto Alegre, v. 8, n. 15, p. 250-272, jan./jun. 2006.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, Pensar, Agir: corporeidade e educação*. Campinas-SP: Papyrus, 1994.
- LEVIN, E. A. *Clínica Psicomotora: o corpo na linguagem*. Tradução: Julieta Jerusalinsky. Petrópolis: Vozes, 1995.
- _____. *A Infância em Cena: constituição do sujeito e desenvolvimento psicomotor*. Tradução: Lúcia Endlich Orth e Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: F. Bastos, 1971.
- _____. _____. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- PEREIRA, L. H. P.; BONFIM, P. V. A corporeidade e o sensível na formação e atuação docente do pedagogo. *Contexto & Educação*, v. 75, p. 45-68, 2007.

POLAK, Y. N. S. O corpo como mediador da relação homem/mundo. *Texto & Contexto Enfermagem*, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 29-43, set./dez. 1997.

SILVA, M. A. *Qual o Lugar do Corpo na Escola?* (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia). Barbacena: Instituto Superior de Educação Dona Itália Franco – UEMG, 2011.

SOARES, C. L. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. *In: SOARES, C. L. (Org.). Corpo e História*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

Links:

INSTITUTO RODRIGUES MENDES – DIVERSA – Educação Inclusiva. *In: Portas Abertas para a Inclusão*, 2020. Disponível em: <https://www.portasabertasparainclusao.org/ead/modulo/modulo-3-acessibilidades/unidade-3-1-acessibilidades/pratica-circuito-de-brincar-sao-paulo-sp/>. Acesso em 25 out. 2020.

ASSIS, L.O. Formas orgânicas de Heather Hansen. *In: Revista Zupi*, 2014. Disponível em: <https://zupi.pixelshow.co/formas-organicas-de-heather-hansen/#:~:text=A%20artista%20e%20bailarina%20Heather,projeto%20experimental%20%E2%80%9CEmptied%20Gestures%E2%80%9D>. Acesso em 25 out. 2020.

CARLA CHAIM. Bio, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://carlachaim.com/>. Acesso em 25 out. 2020.

FOUCAULT, M. Frases de Michel Foucault. *In: Citações e frases famosas*, 2020. Disponível em: <https://citacoes.in/citacoes/590134-michel-foucault-existem-momentos-na-vida-onde-a-questao-de-saber-s/>. Acesso em 25 out. 2020.